

## O DISCURSO POLÍTICO E SUAS REPRESENTAÇÕES NAS LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

O texto literário em suas variadas dimensões tem a capacidade de mobilizar discursos, de abrir o debate sobre novas perspectivas de observação de realidades, tornando-se, portanto, um instrumento poderoso de reflexão, pois, como manifestação artística, tem papel importante de questionamento do mundo.

Assim, a literatura pode ser acionada como artefato importante de discussão do tecido de construção e/ou reconstrução de uma sociedade, refletindo sobre questões fundamentais do ser humano e seu engajamento enquanto sujeito histórico no seu contexto de atuação. E, como comunicação artística, a literatura tem o poder de interferir na estrutura social, nos valores éticos e morais através de métodos e procedimentos artísticos, criando um diálogo profícuo entre autor, obra e público.

É no sentido de estabelecer diálogo entre produção literária e contexto social e político que este número temático intitulado, “O discurso político e suas representações nas literaturas de língua inglesa”, resultado do IV Seminário de Estudos de Literaturas de Língua Inglesa, promovido pelo Núcleo de Estudos de Literaturas de Língua Inglesa (NELLI/DELILT) e pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/UFC), apresenta estudos específicos da produção e recepção de textos de sistemas literários de língua inglesa, que abordam discursos políticos de diferentes espectros ideológicos e suas implicações sobre sistemas receptores.

No primeiro artigo “Literatura e Política: quando a palavra é tornada ação”, Carlos Carvalho e Geórgia Cavalcante, utilizando um quadro conceitual para definir o termo política e suas implicações, debruçam-se sobre o discurso político e suas representações em literaturas de língua inglesa, enfatizando as relações que se dão entre literatura e política. Para tanto, analisam algumas obras de autores de língua de inglesa, tais como William Shakespeare, George Orwell, J. M. Coetzee e Margaret Atwood entre outros para pensarem essas relações.

Em seguida, em “O elogio da esperança em E. M. Forster e James Baldwin”, Ailson Souza, analisando os romances *Maurice* (1913), de E. M. Forster, e *Se a Rua Beale Falasse* (1974), de James Baldwin, discute essas obras como exemplos de como a dimensão política de determinado contexto social tensiona-se com a criação literária, problematizando seu escopo e limites, além de oferecer aos escritores a oportunidade de elaborações inusitadas no interior de suas respectivas obras.

No terceiro artigo intitulado “*Por quem os sinos dobram* – A guerra e a marginalização das personagens femininas, será?”, Simone Machado propõe uma análise mais voltada para a construção de duas personagens femininas no romance *Por Quem os Sinos Dobram* (*For Whom the Bell Tolls*, 1940), de Ernest Hemingway. Partindo de alguns questionamentos, reforça a ideia de que essas personagens têm muito mais a dizer do que a fortuna crítica do autor tem mostrado, e que sua construção revela mulheres dotadas da força e do código moral típicos dos heróis e das heroínas de Hemingway.

Também nessa perspectiva de analisar personagens femininas, Lígia Ribeiro apresenta, no próximo artigo, uma investigação sobre o lugar da mulher no romance *Little Women* (2014), da escritora norte-americana Louisa May Alcott (1832-1888), e a expectativa de independência das personagens por meio das artes, com foco no ofício da escrita. A autora parte do contexto histórico da construção do enredo, bem como da forma que Alcott norteia o leitor quanto às expectativas sobre o papel da mulher na sociedade norte-americana do séc. 19, analisando a tomada de consciência sobre questões feministas através das personagens das irmãs March. Nesse sentido, conclui que a escritora norte-americana, através da escrita, e do desenvolvimento das habilidades artísticas de cada uma das personagens, aborda temas ainda restritos em sua época, conduzindo o leitor a uma conscientização sobre o feminismo.

No quinto artigo, Bruno Silveira e Carlos Silva analisam a narrativa literária *The Turn of The Screw* (1898), escrita por Henry James, e o filme brasileiro *Através da Sombra* (2015), dirigido por Walter Lima Jr., considerando alguns dos elementos (trans)culturais nas estratégias envolvidas nos processos de reescrita da atmosfera gótica do meio literário para o meio cinematográfico. Partem da ideia de que a adaptação da obra de Henry James para o contexto brasileiro, constituído de receptores separados temporal e culturalmente, resulta em um processo criativo de retextualização que altera elementos narrativos do texto-fonte, havendo espaço para inclusão de temas, situações, fatos históricos e outros componentes no enredo adaptado. Assim, os elementos góticos se materializam nas obras de partida e chegada dentro de uma perspectiva cultural, considerando os contextos de produção dessas narrativas.

Em seguida, no artigo intitulado “A armadilha mortal do discurso político inconsciente”, Charles Ponte e Leandro Torres, partindo da ideia de que o discurso político sub-reptício de obras literárias acaba sendo mais revelador do artefato e seu momento de produção que as mensagens explícitas veiculadas na superfície, analisam o filme *Armadilha mortal*, dirigido por Sidney Lumet, em 1982, como uma alegoria da dinâmica por poder durante os anos Reagan nos Estados Unidos, em que se instalou o neoliberalismo, avaliando os perigos dessa leitura. Para tal, os autores discutem a relação entre os personagens como “guerra de todos contra todos” (*bellum omnium contra omnes*) e a necessidade de revisão interpretativa a partir do efeito *Nachträglichkeit* freudiano, que impossibilita a estabilidade semântica de elementos narrativos.

Em “Hamlet, de Shakespeare: uma peça política”, Vandemberg Saraiva discute que a política é essencial na composição de *Hamlet* (1600-1601), de William Shakespeare (1564-1616). Partindo da argumentação principal que se fundamenta em dois tópicos: a) o teatro elisabetano como teatro político e b) a ideia de poder que se encontra nas obras de Shakespeare, construída pela vivência familiar, escolar e eclesial do poeta e de sua experiência com novas ideias políticas em discussão no ambiente londrino, o autor, apoia-se principalmente em Hadfield (2004) e Heliadora (2005) para concluir que *Hamlet* é uma obra eminentemente política.

No oitavo artigo, Vitória Santos e Carlos Silva analisam a construção do personagem Dorian Gray, do romance *O Retrato de Dorian Gray* (2004), de Oscar Wilde, estabelecendo um paralelo com o personagem homônimo da série de TV *Penny Dreadful* (2014-2016), de John Logan. Partem da ideia de que a série de TV é uma colagem literária, e que traços particulares na construção de ambos os personagens enfatizam diferenças que dialogam com o contexto político e social, criando novas motivações para o desenvolvimento narrativo no processo de adaptação do livro para a TV. Após breve explicação sobre pontos principais do Esteticismo, os autores se debruçam sobre a construção de alguns eventos narrativos que ocorrem na vida de Dorian Gray e a sua representação na tela, tentando entender algumas mudanças.

E, por último, mas não menos importante, em “Conflicts and resiliency in Maya Angelou’s *I Know Why the Caged Bird Sing*”, Michel Félix François analisa a obra autobiográfica *I know Why the Caged Bird Sings*, da escritora Afro-Americana Maya Angelou, discutindo temas, tais como alienação e deslocamento. O autor argumenta que esses fatores ocorrem, não somente com relação aos lugares em que Angelou habitava, mas também com relação à sua família, uma vez que ela testemunhou a indignação de sujeitos Afro-Americanos que foram forçados a viver à margem, tornando-se, assim, vulneráveis ao racismo institucionalizados e às desigualdades sociais. Então, a autora faz uma denúncia de sua vida conturbada ao ter que conviver com as consequências dos traumas causados por violências psicológicas e assédios sexuais que causaram profunda desconfiança com relação a sua comunidade patriarcal. Nesse sentido, a exploração das experiências de vida da autora são analisadas como resposta ao tratamento desigual dado à comunidade negra na sociedade norte-americana.

Esperamos que os textos supracitados proporcionem discussões produtivas e que sejam um instrumento de diálogo acadêmico interessante, bem como de agradável leitura.

Carlos Augusto Viana da Silva